



"Educação como prática de Liberdade":  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9817 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT24 - Educação e Arte

A COAUTORIA NA AUDIODESCRIÇÃO E A SINERGIA ENTRE AUDIODESCRITOR  
CONSULTOR, ROTEIRISTA E LOCUTOR

Thiago de Lima Torreão Cerejeira - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO  
NORTE

### **A COAUTORIA NA AUDIODESCRIÇÃO E A SINERGIA ENTRE AUDIODESCRITOR CONSULTOR, ROTEIRISTA E LOCUTOR**

#### **RESUMO**

A audiodescrição, recurso de acessibilidade comunicacional que pode auxiliar e ampliar a compreensão de pessoas com deficiência visual, oportuniza o acesso às imagens por meio de um processo de tradução intersemiótica que transforma os conteúdos visuais em verbais. O protagonismo autoral da pessoa com deficiência visual nesse processo, aí representado pela figura imprescindível do audiodescritor consultor, profissional que compõe a equipe que produz a audiodescrição, revela-se potencialmente em atuações pouco discutidas ou exploradas no âmbito da audiodescrição, a exemplo da locução e da própria concepção do roteiro, direcionamentos que podem conduzir à constatação de que esse profissional com deficiência visual é também coautor nesse processo.

**PALAVRAS-CHAVE:** ARTE E DEFICIÊNCIA VISUAL. AUDIODESCRIÇÃO POÉTICA. AUDIODESCRITOR CONSULTOR E COAUTORIA.

A proposição teórica que reflete acerca do protagonismo autoral do audiodescritor consultor na composição processual da audiodescrição compõe o corpus teórico de um estudo de doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGED/UFRN). A audiodescrição é um recurso de acessibilidade comunicacional que propicia às pessoas com deficiência visual, entre outros benefícios, o acesso à conteúdos visuais por meio de enunciados verbais, constituindo, portanto, um processo de tradução intersemiótica (PLAZA, 2011). O desafio que se coloca é, portanto, o de fazer com que, em experiências de fruição de obras artísticas, a audiodescrição não seja apenas verbalizada, mas também sentida e experienciada na totalidade de sua dimensão poética (NEVES, 2009). A experiência da fruição estética da pessoa com deficiência visual, seja no campo da recepção, seja por meio da intervenção direta e do acabamento oferecido pelo audiodescritor consultor, que é um profissional com formação e experiência no campo da audiodescrição, poderá contribuir com os processos de acabamento estético e de excedente da visão (BAKHTIN, 2017), ampliando a reflexão acerca dos aspectos inerentes à formação e análise da imagem (DIDI-HUBERMAN, 2010), nesse processo de tradução intersemiótica (PLAZA, 2011), bem como da própria deficiência enquanto campo de possibilidades que institui novas formas de se ver e se perceber no mundo (BAVCAR, 2003). Tal panorama instiga e contribui, dessa maneira, para a discussão acerca

do protagonismo autoral do audiodescritor consultor na medida em que amplia sua perspectiva de atuação na composição da audiodescrição, não apenas como a de um revisor do roteiro previamente elaborado pelo audiodescritor roteirista ou pelo audiodescritor locutor, mas, sobretudo, como coautor deste processo criativo. Nesse sentido entram em debate novas formas e caminhos possíveis de se fazer audiodescrição, seja na própria articulação dos profissionais que integram a equipe, seja por meio de matrizes semióticas como por exemplo a da contação de histórias (PÉREZ, 2012), que, hibridizadas com a audiodescrição, podem promover uma experiência mais potente e rica de significados para o usuário do recurso de acessibilidade comunicacional. Tais indícios auxiliam na experimentação da ênfase da dimensão poética da audiodescrição, levando em conta os aspectos constitutivos do jogo do visível e do invisível (ALVES, 2017), no qual o espectador é provocado para o exercício da articulação da escuta com a visão, por meio de um esquema lúdico de palavras utilizado para traduzir a linguagem estética das obras, o qual ganha maior acabamento com o processo de locução. Tais aspectos da audiodescrição, que resultam em composições estéticas instigantes do ponto de vista da acessibilidade comunicacional, são possíveis, principalmente, em função do retorno ou análise oferecida pelo audiodescritor consultor que, tendo a oportunidade de atuar junto aos audiodescritores roteiristas e locutores, poderá suscitar um exponencial caminho a ser percorrido que vai ao encontro das proposições inerentes ao conceito de uma criação dialógica. As reflexões convidam sobremaneira a alargar as possibilidades de mediação do audiodescritor consultor na perspectiva do ato criativo e composicional da audiodescrição, já que entende-se que ele é parte fundante deste processo e, por conseguinte, indissociável. Bakhtin (2017) ajuda a compreender a relação com esses gêneros do discurso, não de modo isolado mas como elemento da mesma totalidade da obra-drama, isto é, quando é autor, ou melhor, coautor, diretor, espectador ativo, ou seja, enfatizando a evidência da coautoria em um processo no qual não é possível apenas ser ator, ou só espectador, ou só diretor. A analogia do que é colocado por Bakhtin (2017) é assim pertinente porque torna possível perceber que muito do acabamento estético que estará implícito na audiodescrição passará pelo olhar apurado do audiodescritor consultor, podendo assumir o caráter de coautoria em contextos tradutórios processuais e coletivos. O escopo assumido da coautoria evidencia desse modo a compreensão de que a audiodescrição é deflagrada por meio de um engendramento semiótico decorrente da intersubjetividade do olhar, a qual se apropria da imagem e que, pelo signo verbal, promove ou expande a compreensão do outro. Este "outro" poderia ser compreendido como o usuário do recurso de audiodescrição, representado na etapa processual de construção da audiodescrição pelo audiodescritor consultor. Essas interações compreendem, dessa maneira, uma expansão das relações dialógicas (BAKHTIN, 2017) no sentido de constituírem a rede de interações entre os sujeitos que dedicam-se à realização do processo tradutório por meio da palavra, em um movimento que desvela as visualidades por meio dos múltiplos itinerários e dinamismos da imagem, utilizando para tal a comunicação oral. Esse movimento é, por conseguinte, valorativo (BAKHTIN, 2017) porque denota posições distintas que envolvem a atuação dos agentes envolvidos, audiodescritor consultor, roteirista e locutor, em um processo de recriação do conjunto visual para o contexto verbal. Ao tratar dos processos de autoria e coautoria que resultam do acabamento ou excedente da visão, Bakhtin (2017, p. 136) coloca que: "De todos esses elementos do excedente trazidos de fora pela percepção pode desdobrar-se uma forma esteticamente acabada de obra. O contemplador começa a tender para a autoria, o sujeito do autoinforme-confissão se torna personagem (é claro que aqui o espectador não cocria com o autor, como na percepção de uma obra de arte, mas realiza um ato criador primário, primitivo)". Isso implicaria dizer que no tocante ao campo criador e processual da audiodescrição, o audiodescritor consultor, o audiodescritor roteirista e o audiodescritor locutor estão concebendo um ato criativo uníssono à medida que interferem um na composição do outro, ou seja, a estrutura de um roteiro de audiodescrição, embora demarcada e viabilizada por essas distintas funções, sofrem modificações que advêm do olhar do outro e que, desse modo, caracterizariam um processo de coautoria. No caso do audiodescritor roteirista e do

audiodescritor consultor essa orquestração de vozes é ainda mais latente porque um precisará do olhar do outro para dar forma à escrita verbal que ganhará vida e voz por meio do audiodescritor locutor. Desse modo, algumas reflexões se formam e continuam a se transmutar, dentro do que foi proposto, até então como método empírico que se dedica a ressignificar a figura do audiodescritor consultor na audiodescrição. Questiona-se por conseguinte se seria esse o profissional que teria competência apenas para estar inserido no processo em uma etapa de consolidação do que pode vir a ser desenvolvido previamente por um audiodescritor roteirista ou locutor, ou se seria ele um profissional que poderia estar incorporado a todas as etapas da audiodescrição. Tais premissas fundamentam o entendimento sobre como de fato esse processo se dá na prática com suas nuances e especificidades técnicas, ao mesmo tempo em que confronta-se as retóricas incisivas, na perspectiva de rever os conceitos que perpassam esse debate, considerando as diversas possibilidades espaçotemporais da participação do audiodescritor consultor na feitura da audiodescrição. Uma delas e talvez a principal a ser enfatizada apropriadamente nesse ínterim é a de que, da mesma forma que um audiodescritor consultor não teria autonomia para a consolidação unilateral de um roteiro de audiodescrição, o mesmo se aplicaria a um audiodescritor roteirista ou locutor. E pode-se ir mais adiante, considerando tal projeção e entendendo que mesmo que a atuação da pessoa com deficiência visual como um consultor qualificado esteja condicionada apenas a uma etapa revisacional, o roteiro, a locução, a edição, passam por sugestões e modificações que por si só já designariam um processo de coautoria. As questões estão postas assim para que seja possível pensar acerca do protagonismo autoral do audiodescritor consultor e também na tentativa de entender as diversas possibilidades e potencialidades que estão disponíveis para esse profissional. Os meandros e minúcias que compõem esse arcabouço conceitual serão aprofundados rumo à defesa da tese que evidencia o processo de coautoria. Isso recai no panorama de resistências situadas e saberes partilhados (MARTINS, 2013) em que as histórias das pessoas com deficiência visual, aqui tidas como narrativas de resistência, só poderão ser objetivamente apreendidas por uma ciência que recuse a trivialização da exclusão social, que rejeite a hegemonia da normalidade, que se deixe ensinar pelos múltiplos sentidos e lugares da experiência e que, finalmente assuma seu papel na abolição do "poder disciplinar da indiferença". Tal panorama é algo extremamente oportuno e emergencial de se repensar, e isso remete a uma alteração da partilha do sensível (RANCIÈRE, 2009), e que, por sua vez, romperia com essa dita hegemonia da normalidade, do corpo perfeito, são. A presença e a atuação do audiodescritor consultor como profissional indissociável rompe e altera essa partilha do sensível e instaura assim latentes questões como o que significa ter então um profissional com deficiência visual como parte desse processo e qual a potência dessa configuração. Nesse sentido é crucial pensar na concretude da relação de autonomia, no que se vai buscar não só por meio da audiodescrição em si, mas da presença da pessoa com deficiência visual em todas as instâncias de sua composição. Saliente-se, por fim, a primordial evocação de que essa transformação pode assim ser construída e estimulada para se tornar um hábito, a audiodescrição poderá desse modo contribuir nesse processo assegurando uma experiência envolvente e, fundamentalmente, o papel e o protagonismo da pessoa com deficiência visual, aí representada pela figura do audiodescritor consultor, poderá ser ressignificado nessas instâncias, não como mero coadjuvante mas como um coautor desse processo.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Jefferson Fernandes. Audiodescrição e recepção teatral: um diálogo (im)pertinente entre o invisível e o visível da cena. In: DESGRANGES, Flávio. SIMÕES, Giuliana (Orgs.). O Ato do Espectador: perspectivas artísticas e pedagógicas. São Paulo: Hucitec Editora, 2017. p. 181-195.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

BAVCAR, Evgen. Um outro olhar. In: TESSLER, Elida; BANDEIRA, João. Memória do Brasil: Evgen Bavar. São Paulo: Cosac & Naify, 2003, p. 135-142.

DIDI-HUBERMAN, Georges. O que vemos, o que nos olha. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010. (Coleção Trans).

MARTINS, Bruno Sena. Pesquisa acadêmica e deficiência visual: resistências situadas, saberes partilhados. Revista Benjamin Constant, Rio de Janeiro, v. 19, edição especial, out 2013. p. 55-66.

NEVES, Josélia. Sound Painting audio description in another light. Londres: 2009. Disponível em: <<https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/431/1/Sound%20Painting.pdf>>. Acesso em: 04 jul. 2019. PÉREZ, Elvira. Narração oral ou teatro? A arte de contar histórias e o teatro. In: A arte de encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares. MORAES, Fabiano; GOMES, Lenice. 1. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012. p. 153-174.

PLAZA, Julio. Tradução intersemiótica. São Paulo: Perspectiva, 2013.

RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível. São Paulo: EXO experimental Org.; Editora 34, 2009.